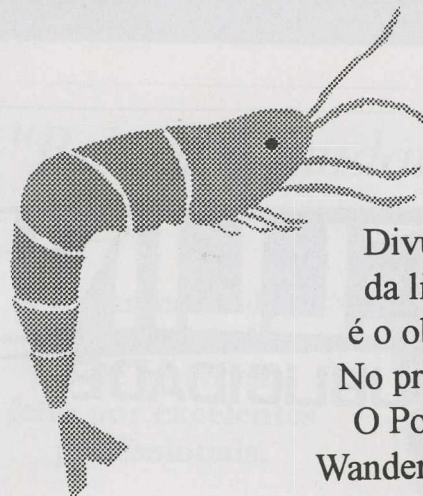
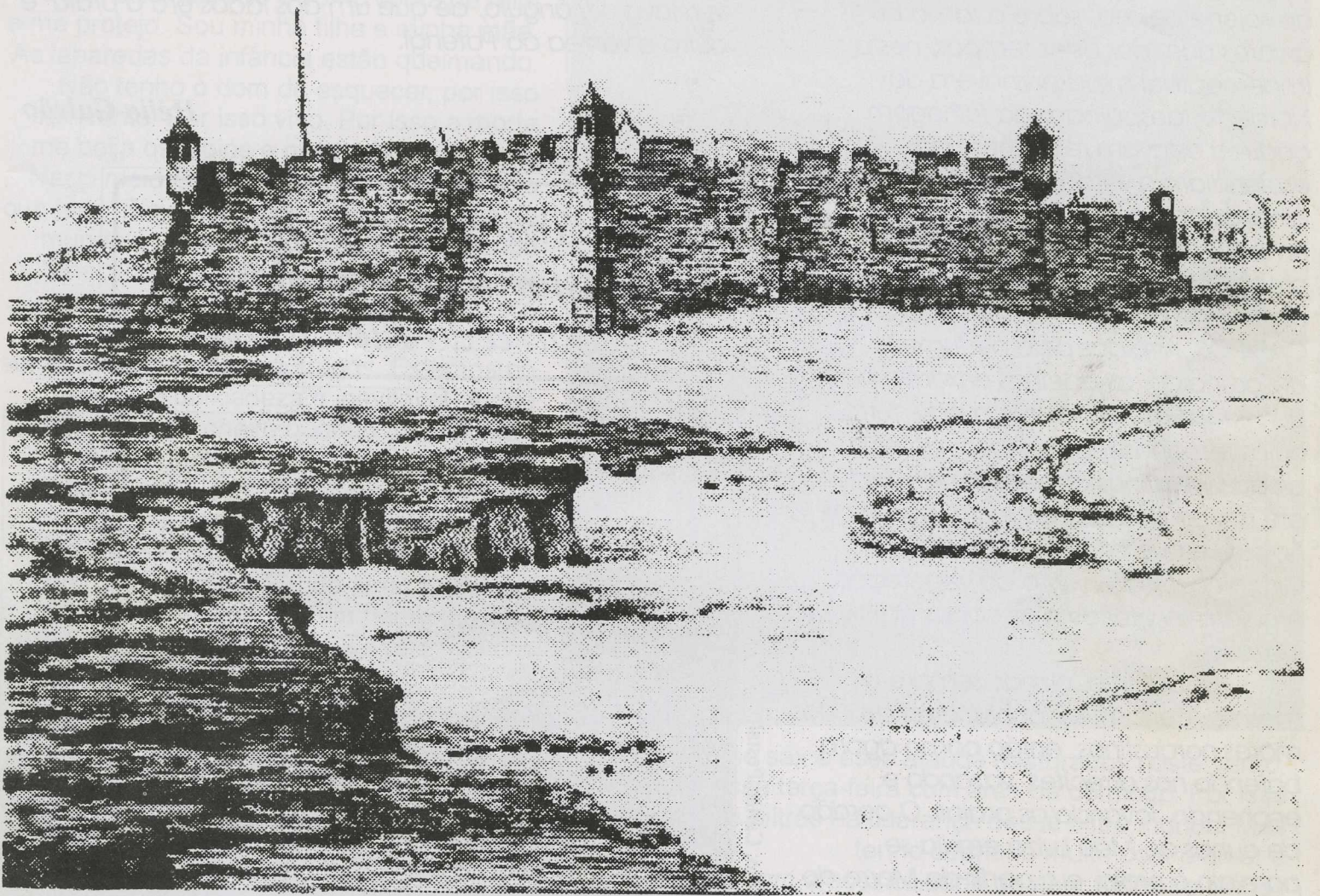


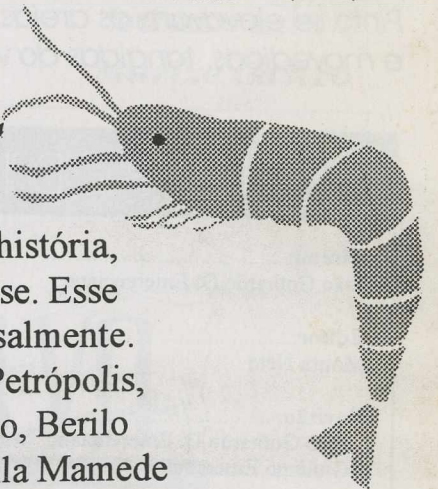
# O Potiguar

Ano 1 N° 01

Dezembro /97



## *Aos Potiguares*



Divulgar a cultura , abordando aspectos da história, da literatura e do folclore norte-rio-grandense. Esse é o objetivo do periódico, que circulará mensalmente. No primeiro número, enfocando o bairro de Petrópolis, O Potiguar traz à tona textos de Hélio Galvão, Berilo Wanderley, Edgar Barbosa, Milton Siqueira, Zila Mamede e Gothardo Netto, figuras representativas da historiografia, da crônica e da poesia tupiniquim.

# Natal, Noiva das Dunas

**A**inda é possível reconstituir, com alguma aproximação da realidade, o cenário rude que serviu de pano de fundo ao drama da conquista. Naquele dezembro de 1597, não acabara a safra dos cajueiros e os paus-d'arco em flor, amarelo e roxo, davam à paisagem vegetal, uma nota discreta de solene beleza, sobre a ramaria. As árvores que, por estes tempos, nesta imperceptível meia-primavera do Nordeste, despojadas da folhagem caduca estavam rejuvenescidas, esplendiam o verdor das folhas renovadas. Havia muito pau-brasil, embora fino, restos do comércio predatório dos franceses, como observaria o Sargento-Mor DIOGO DE CAMPOS. Atraídas pelo perfume desprendido, as abelhas enxameavam ao redor. Era abundante o pau-ferro, cujos remanescentes muitos de nós ainda vimos, nos capões sobreviventes até fins da década de trinta, por onde hoje se ergue o Hospital Médico-Cirúrgico. No conjunto da vegetação, erguiam-se vitoriosas as copas do juazeiro.

Lá adiante, o mar, sempre o mesmo, com este inconfundível azul dos mares nordestinos, então como agora batendo nos arrecifes, vazando e enchendo, lavando as praias. O cordão de dunas de Mãe Luíza erguia-se paralelo à praia, e a partir do Morro do Pinto se elevavam as areias, empinadas e movediças, tangidas do vento

constante, chegando ao nível da colina onde hoje assenta a balaustrada do Hospital das Clínicas. No ângulo para onde convergem as Avenidas Nilo Peçanha e Atlântica, o morro subia acima das adjacências: era o monte, denominação que chegou até o começo deste século. Ao pé das dunas, na estação invernal, como ainda hoje, formava-se uma lagoa, que é indicada em gravura holandesa contemporânea da ocupação de 1633. Unindo o oceano ao rio, a duna de Guarapes fechava o triângulo, de que um dos lados era a praia e outro a várzea do Potengi.

*Hélio Galvão*

*Transcrito do livro  
História da Fortaleza da  
Barra do Rio Grande.*

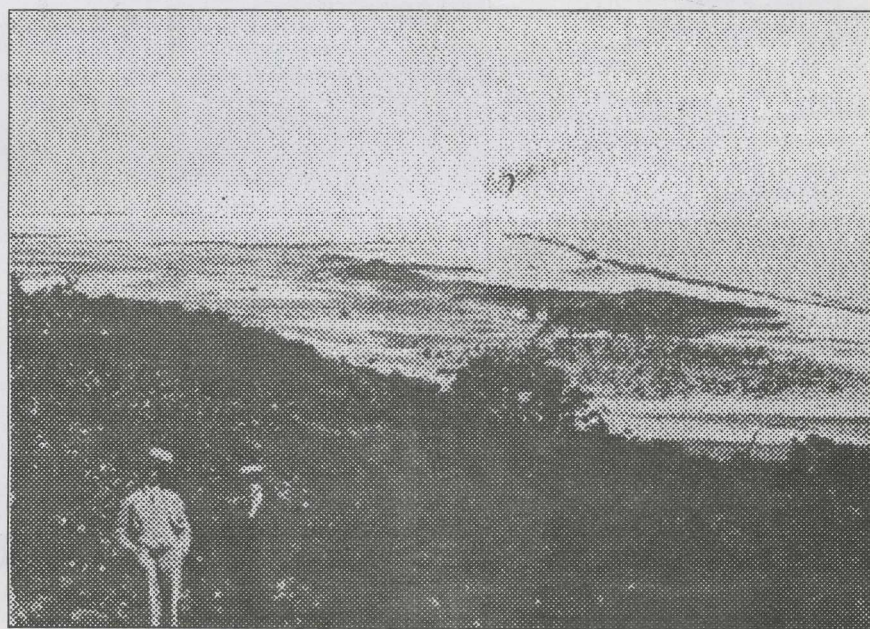


Foto: Cartão Postal

## EXPEDIENTE

**Diretor**.....  
João Gothardo D. Emerenciano

**Editor**.....  
Moura Neto

**Revisão**.....  
- João Gothardo D. Emerenciano  
- Giuliano Emerenciano Ginani

**Programação Visual**.....  
- Cláudio Damasceno  
- Joseane Mariza Batista



ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Avenida Prudente de Moraes, 625 - Tirol  
Natal/RN - CEP: 59 020-400

**FELLINI**  
PUBLICIDADE

FELLINI PUBLICIDADE LTDA.

RUA WALDEMAR FALCÃO, 341- PETRÓPOLIS. TEL.:212-2693.

## O POTENGI É ÍCONE

**S**into-me como algumas pequenas borboletas que perderam os vôos maiores. Delicada e tensa. Há uma represa pronta para transbordar. Nunca saberemos o que realmente somos.

A hipocrisia continua alerta na sala de estar. Acendo o lume e desprezo toda a rédea que nos aprisiona e nos deixa cinza.

O que esperar numa província além de regressos? Como ser numa metrópole onde a inquietude é lustre, comunhão com o humano, deserto? Tomo conta de mim e me protejo. Sou minha filha e minha mãe. As labaredas da infância estão queimando.

Não tenho o dom de esquecer, por isso reinvento. Por isso vivo. Por isso a morte me beija os lábios e passa. Mansamente. Nasci meio Calipso, meio Penélope. Finjo que teço. Finjo que finjo. Finjo. A história do mundo é uma só: a dos solitários. Lendo Tchekhov descobri o quanto é imensa a minha vontade de viver. Lendo Homero descobri o quanto a terra é doce quando surge aos olhos dos náufragos. Estamos no limiar e a delicadeza é inevitável. Ainda lembro do meu cheiro quando me descobri mulher. Fêmea arrebatada por jovens aedos. Blandiciosa. Estrangeira. Que toda nau nos leve a Ítaca. E todo filho seja Telêmaco. E todo esposo, Ulisses. E todo porqueiro, Eumeu. E toda ama, Euricléia.

Ou Anfissa. Kórax era um homem e não uma ave. Uma ave é uma ave e não um homem. O teto é branco. O Tejo é vasto. O Tâmisia é triste. O Potengi é ícone. E eu permaneço oblíqua. Aconchegada em penhascos. Rodeada de mar. De hexâmetros. Viver é lento. Mas querer é urgente. Perigoso e vital. Cratera cinzelada com rebordos de ouro. A prudência almeja ser virtude. E chora. Nem tudo é só literatura. Nem tudo é só cotidiano. Por isso



Ilustração: Katrina Jaylor

esse sax e esse alaúde misturados neste verão. Por isso essa terça-feira com ares de domingo. Por isso esses homens biltres na liderança desse biltre mundo. Mas tenho sonhado muito com o amor e com a possibilidade de abrir todos os pianos fechados a chave...

**Marize Castro**

*"Beleza é fundamental"*

*O resto é bonitinho...*

**O tratamento ideal que seus cabelos e pele merecem, feito por excelentes profissionais.**



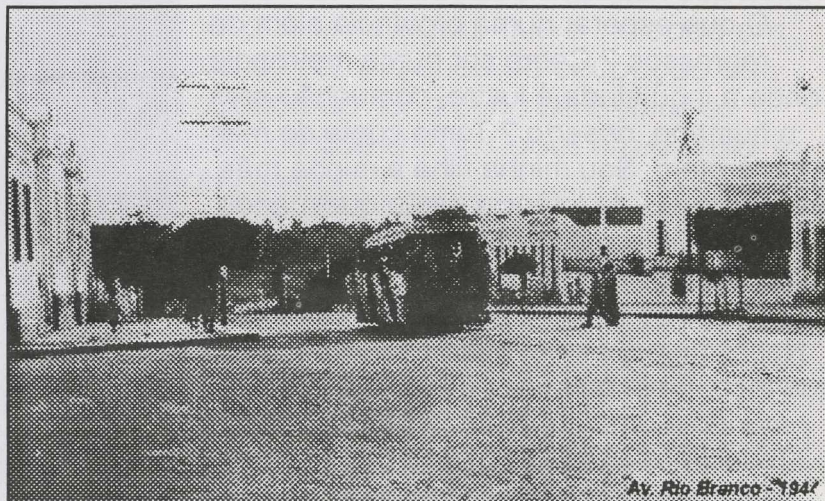
# BONDES

**D**urante séculos o natalense andou a pé, subindo morros, calcando areia, suando frio ou quente", diz Luís da Câmara Cascudo em sua "História da Cidade do Natal". Só em 1890, surgia aqui uma "Empresa de Carros de Aluguel", propriedade de dois médicos, naturalmente ociosos naqueles anos de poucos clientes. O nome pomposo escondia uma cocheira, que abrigava alguns cavalos e três ou quatro vitórias dignas de um "Ministro de Estado". Puro luxo. Essas vitórias iam da Ribeira à Cidade Alta, mediante contrato, e cobravam até o Alecrim, que era uma subida, 500 réis por passageiro.

Os primeiros bondes datam de 1908 e Câmara Cascudo fala deles com minúcias. Eram puxados a burros, lerdos que uma beleza, e apanhavam os passageiros na Ladeira da Junqueira Aires. Na viagem inaugural, viajou o Governador Alberto Maranhão, em companhia do Senador Ferreira Chaves e do Deputado Juvenal Lamartine. Poste de parada, não havia. O candidato a passageiro levantava o dedo e o bonde parava. Imagine que já em 1909, houve o primeiro acidente com um bonde: um menino foi apanhado por um e perdeu uma perna. Nada demais para os natalenses assustados e acostumados com as mortes debaixo das rodas de ônibus e Corcéis, a toda a hora, hoje em dia.

Câmara Cascudo conheceu os primeiros bondes. Eu ainda conheci os últimos. Eram igualmente lerdos, como os primeiros, e dava-se para ler boas páginas de um romance, entre a casa e o trabalho. Para mim, dava para estudar toda uma lição, entre a casa de meus pais, na Rua Hemetério Fernandes, no Tirol, e o Colégio Marista. Os passageiros meus vizinhos de banco eram tranqüilos e viajavam lendo seus

jornais ou olhando a paisagem. Não via no rosto de ninguém a pressa afobada comum nos rostos de hoje. Mas recordo de uma vez que saltei com pressa, com o bonde já dando partida, e numa braçada doida, bati na sacola que o cobrador levava a tiracolo (parecia com essas que os jovens carregam hoje, mas menos cheias de éfes e érres) e a sacola foi rolar nos paralelepípedos da Avenida



Hermes da Fonseca, com moedas se espalhando por todos os lados. E nada mais vi, porque corri.

Os passageiros que não levavam jornal ou livro tinham outra opção de leitura: os anúncios (reclames, como se chamavam) do Biotônico Fontoura, de Bromil, do Elixir de Inhamé Goulart, da Glindélia de Oliveira Júnior, do Tahiua de São João da Barra, do Elixir da Saúde da Mulher Nº 1 (excesso), Nº 2 (escassez)... E aquele, que ficou famoso, do Rum Creosotado, que todo passageiro de bonde daqueles tempos decorou de tanto ler todos os dias:

" Veja, ilustre passageiro,  
O belo tipo faceiro  
Que o senhor tem a seu lado.  
E, no entanto, acredite,  
Quase morreu de bronquite,  
Salvou-o o Rum Creosotado."

*Berilo Wanderley*



Onde você  
encontra  
os mais belos  
Bouquets da  
cidade.

Entrega a Domicílio  
Tel.: 222-1016 / 221-0480

Av. Prudente de Moraes, 520 - Petrópolis - Natal/RN.

24 HORAS

**Mandato Popular**

**Vereador**

**Fernando**

**Mineiro**



*A cultura é alma da cidadania  
por uma cidade cidadã*

## Rua (TRAIRI)

*Nos cubos desse sal que me encarcera  
(pedra, silêncios, picaretas, luas,  
anoitecidos braços na paisagem)  
a duna antiga faz-se pavimento.*

*Meu chão se muda em novos alicerces,  
sob as pedreiras rasgam-se meus passos;  
e a velha grama (pasto de lirismos)  
afoga-se nos sulcos das enxadas,*

*nas ânsias do caminho vertical.  
Ao sono das areias abandonam-se  
nesta rua vívidos fantasmas*

*de seus rios-meninos que descalços  
apascentavam lamas e enxurradas.  
Meu chão de agora: a rua está calçada*

Zila Mamede (1959)



## Em Petrópolis

*À luz da lua - pálida princesa  
Debruçada na ameia do castelo  
Do céu, sob o fulgor do Setestrela  
O mar entoa a nênia da tristeza.*

*Que noite bela, que oceano belo,  
Quanto mistério encerra a natureza  
Plena de paz, de sonho e de beleza,  
Oh noite opima de carinho e zelo.*

*Os ventos cantam sobre a morraria  
Enfeitada de exótico arvoredo,  
Como poetas em melancolia.*

*A Fortaleza dos Reis Magos, longe,  
Semilha paciente, altivo e quedo,  
Entre os vilões do mundo, santo monge!*

Milton Siqueira (1952)

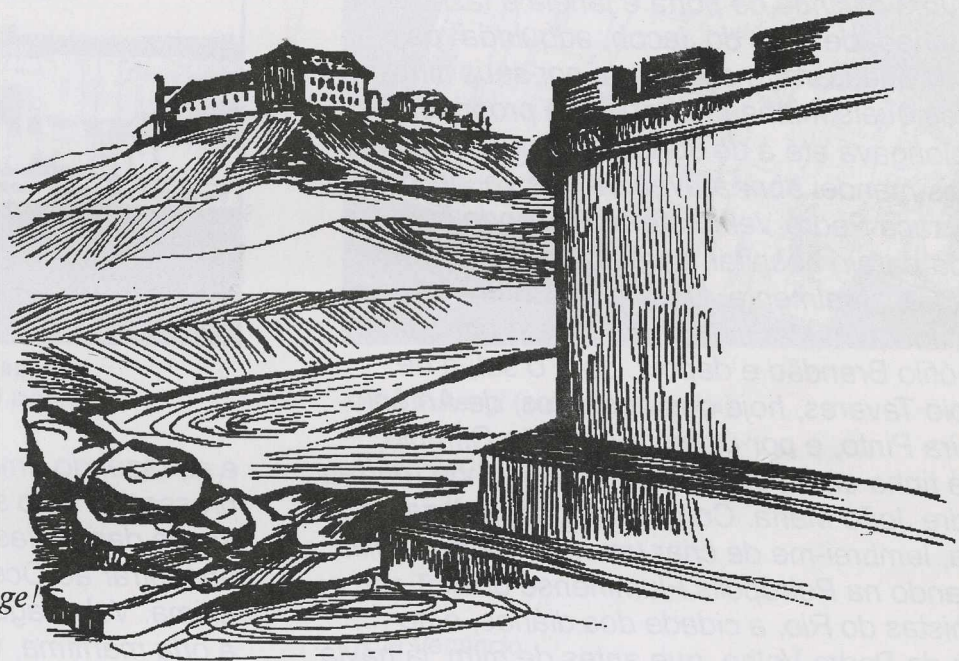


Ilustração: Newton Navarro

*A Rua Trairi vista da Praça Pedro Velho em direção as dunas, no início do século.*

**Nordeste**

**EDITORA GRÁFICA**

**Serviços Gráficos em Geral**

Rua Padre João Manoel, 520 - Tel.: (084) 222-1461  
Natal - RN

**PREFEITURA DE**  
**NATAL**  
É TEMPO DE CIDADANIA

**CAPITANIA DAS ARTES**

1998 - Ano do centenário de  
Luís da Câmara Cascudo

# PETRÓPOLIS

**A** Resolução Municipal nº 55, de 30 de Dezembro de 1901, criou o terceiro bairro do Natal - Cidade Nova - que corresponde aos bairros de Petrópolis e Tirol.

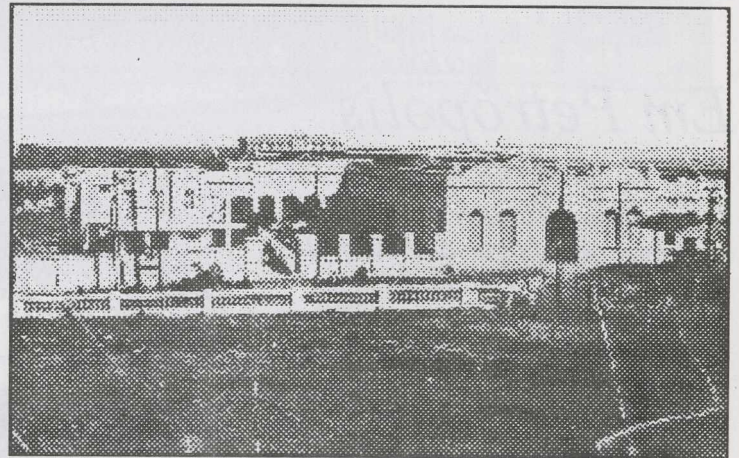
O Master-Plan, de responsabilidade do arquiteto Antônio Polidreli, somente foi concluído em 1904 com a abertura de 60 (sessenta) quarteirões constituídos de avenidas e ruas transversais.

Petrópolis, que já foi chamado de *Monte* ou *Belmonte*, teve o topônimo oficializado pela Intendência através da Resolução nº 118, de 25 de Fevereiro de 1908.

O surgimento do bairro foi historiado pelo ex-Governador Alberto Maranhão, em carta a Luís da Câmara Cascudo, transcrita na Acta Diurna de 26 de junho de 1940, no Jornal A República: "(...) *A bela colina denominada Monte, tinha na ponta norte uma casinha de porta e janela e fazia parte da propriedade Sítio do Jacob, adquirida pelo velho Jovino Barreto e herdada por seus filhos entre os quais minha mulher. Essa propriedade se prolongava até à de Joaquim Manuel e entre as duas mandei abrir a avenida que vai desde a atual praça Pedro Velho até o alto, onde hoje é a estrada para o hospital, primeiramente, Jovino Barreto e, atualmente, Dr. Miguel Couto. Depois da de Joaquim Manuel seguia-se a propriedade de Teófilo Brandão e depois, para o sul, a de Olímpio Tavares, hoje dos herdeiros de Antônio Ferreira Pinto, e por último a de João Olímpio, que já tinha então uma grande casa, onde morreu o Padre João Maria. Considerando a beleza da colina, lembrei-me de criar um novo bairro e o fiz pensando na Petrópolis Fluminense dos veranistas do Rio, a cidade dos diários, e no nome de Pedro Velho, que antes de mim, já havia aconselhado ao seu amigo Joaquim Manuel Teixeira de Moura, Presidente da Intendência, como se chamava então o Prefeito, desbravando a atual Cidade Nova, abrindo ruas e avenidas em todo o planalto entre os morros e a Cidade Alta.*"

Com a divisão de bairros promovida pelo

Prefeito Sylvio Piza Pedroza através do Decreto - Lei 251, de 30 de Setembro de 1947, Petrópolis teve definido seus limites: *"Parte da linha divisória do ponto onde o prolongamento da Rua das Dunas encontra o Oceano Atlântico. Segue por esse no sentido Leste-Oeste até encontrar a Av. Getúlio Vargas; vem, então, por esta aproximadamente no sentido Sul-Norte até o Hospital Miguel Couto e passando ao Leste do mesmo vem encontrar ao Norte do Edifício da Casa de Detenção, o eixo da Rua Condor; vem por esta rua até a Rua Guaratuba e segue por esta até cruzar a Rua Deodoro por onde prossegue até o cruzamento da Rua Mossoró. Segue então por esta última em direção as Dunas*



Hospital Miguel Couto, atualmente Hospital Universitário Dr. Onofre Lopes.

*e ai, fazendo uma deflexão a esquerda, prossegue pelo sopé da mesma e, passando acima das praias do Meio e Areia Preta, vai encontrar ao Oceano Atlântico ao Sul desta última. Volve agora a esquerda e, acompanhando a orla marítima, vem encontrar o ponto de partida."*

Em 1958, na primeira gestão do Prefeito Djalma Maranhão, o bairro de Petrópolis era formado por 51 (cinquenta e um) logradouros públicos (avenidas, ruas, travessas e praças), assim denominados:



**Pousada do Bebê**

CUIDAR E EDUCAR É NOSSO DEVER

**CRECHE E PRÉ-ESCOLA**  
Atendimento à criança de 00 meses à 07 anos.

### Cursos

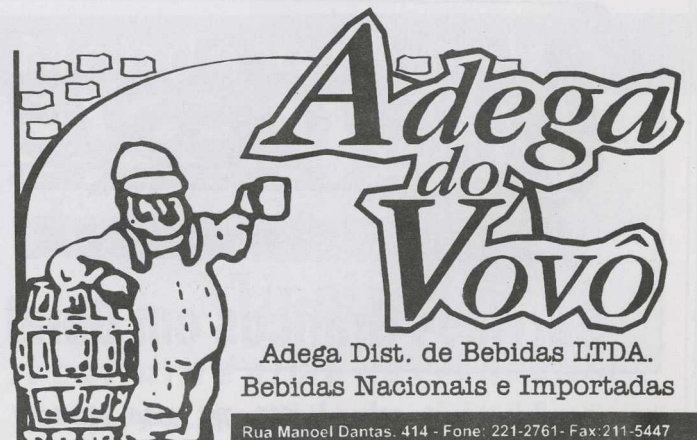
- Do Maternalzinho à pré-escola
- Inglês

### Nossos preços

Mensalidades possíveis ao seu orçamento

Av. Prudente de Moraes, 537 - Tirol (próximo à Telen)

Creche 24 horas  
sábados, domingos e feriados

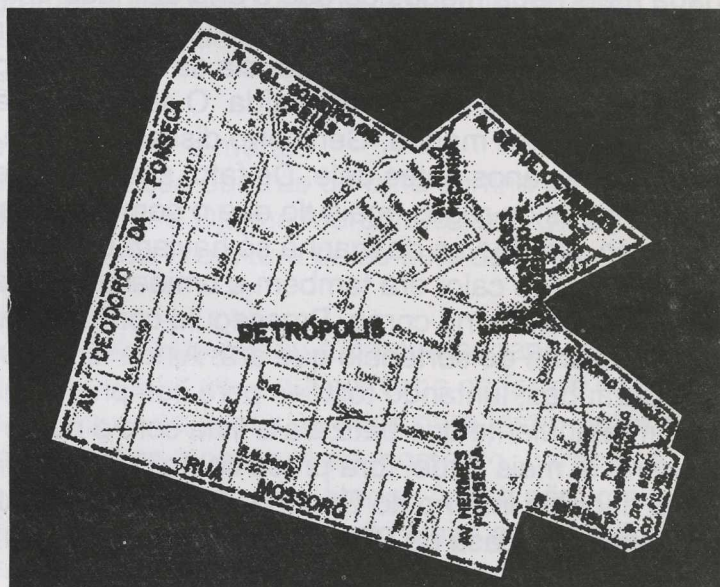


Adega Dist. de Bebidas LTDA.  
Bebidas Nacionais e Importadas

Rua Manoel Dantas, 414 - Fone: 221-2761 - Fax: 211-5447

- Avenida Afonso Pena
- Avenida Floriano Peixoto
- Avenida Governador Sylvio Piza Pedroza (antiga Avenida Beira-Mar; antiga Rua Emerenciano).
- Avenida Nilo Peçanha
- Avenida Rodrigues Alves
- Rua Ana Nery (antiga Rua 24 de Outubro).
- Rua Boa Vista (antiga Rua do Pinhão).
- Rua Condor (atual Rua Des. Lins Baia).
- Rua Des. Benício Filho
- Rua Des. Dionísio Figueira (antiga Rua das Dunas).
- Rua Fabrício Pedroza
- Rua General Cordeiro de Farias (antiga Rua Guaratuba).
- Rua Joaquim Fabrício (antiga Rua Santos Reis).
- Rua Joaquim Manuel
- Rua Manoel Dantas (antiga Rua Projetada)
- Rua Mipibú
- Rua Mossoró (antiga Rua do Vai-Quem-Quer; antiga Rua do Morcego).
- Avenida Campos Sales
- Avenida Getúlio Vargas (antiga Avenida Atlântica).
- Avenida Hermes da Fonseca (Solidão)
- Avenida Prudente de Moraes
- Praça Pedro Velho
- Rua Areia Preta (atual Rua Tuiuti)
- Rua Cláudio Machado
- Rua Cônego Leão Fernandes
- Rua da Detenção (atual Rua Aderbal de Figueiredo).
- Rua Dom José Pereira Alves
- Rua Ferreira Pinto
- Rua Golandim
- Rua João Olímpio
- Rua Major Afonso Magalhães (antiga Rua do Respeito; antiga Rua 2 de Novembro)
- Rua Manoel Machado
- Rua Monsenhor Severiano
- Rua do Motor
- Rua Odilon Garcia
- Rua Olímpio Tavares

- Rua Pinto Martins
- Rua 1º de Maio
- Rua Renato Dantas
- Rua Teófilo Brandão (antiga Rua do Chapéu Cagado).
- Rua Valentim de Almeida
- Travessa Campos Sales
- Travessa Guaratuba (atual Rua Tenente Benedito Pereira).
- Rua Oeste (antiga Rua do Cacete).
- Rua Otávio Lamartine



- Rua Potengi (antiga Rua Projetada)
- Rua Seridó (antiga Estrada do Morcego)
- Rua Waldemar Falcão
- Rua Trairi
- Rua Venâncio
- Travessa 2 de Novembro

A Lei nº 4.330, de 05 de abril de 1993 alterou a Lei 251/47, redefinindo os limites do bairro de Petrópolis.

**João Gothardo Dantas Emerenciano**

#### **FONTES:**

"**HISTÓRIA DA CIDADE DO NATAL**", de Luís da Câmara Cascudo. 2ª edição; Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília; INL, Natal; UFRN, 1980; "**GUIA DA CIDADE DO NATAL**", de J. A. Negromonte e Etelvino Vera Cruz. Natal, 1958; "**Petrópolis e Tirol, Carta do Dr. Alberto Maranhão**" (acta diurna), de Luís da Câmara Cascudo, *In A REPÚBLICA*, edição de 26.06.40; "**LEI DO PLANO DIRETOR DE NATAL E COLETÂNEA DE LEIS DOS LIMITES DOS BAIRROS DE NATAL**" (Diário Oficial do Estado), edição de 07 de Setembro de 1994; **Entrevista com a senhora MARIA DE LOURDES BARBOSA DA CRUZ**, residente no bairro de Petrópolis desde a década de 30.

# A MORTA NA PORTA

**D**e repente, Omar se viu perdido no Gancho, às duas horas da tarde, um sol de rachar. Passadas aquelas oficinas de consertos de carro, o bar e a padaria, localizados na beira da estrada, quando se entrava pelo primeiro beco, então, o chão se abria em vielas tortas, barrancos, buracos, ladeiras, mato, casas e mocambos que não obedeciam ao menor alinhamento, entradas sem saídas, cercas de sítios - o caos. A favelização chegara ao Gancho, que era nada mais nada menos do que a encruzilhada entre Igapó, estradas da Redinha, Ceará Mirim e São Gonçalo, marcando, ainda, o fim da cidade do Natal. E Omar procurando a casa de Oliveira. O andar apressado demonstrava a urgência da busca. Pergunta daqui, indaga dali. As indicações, em geral, levavam a novos becos sem saída. O suor pingava do rosto. Passou um lenço na cara. Olhou as mãos e riu. Hoje, pela manhã, Geniberto dissera que ele era como um verso de Bandeira: as mãos haviam nascido dez anos antes dele. De fato, suas mãos eram desenhadas de rugas, mais do que o comum. Guardou o lenço no bolso. As chuvas da manhã só haviam piorado o tempo: agora além do calor era também a umidade que saturava o ar. A camisa colada no corpo. Prosseguia com a resistência e a determinação de sertanejo que era. Ainda lembrava da infância em Caraúbas, juntando tostões para comprar alfinim e sorvete de um ambulante que batizara a filha com o nome de Olga Benário e, mais tarde, fora preso como comunista, em 35. No meio daquele inferno do Gancho, onde Judas perdera as botas, onde ficava a casa de Oliveira? Omar reclamou alto ao pisar numa ruma de merda:

- Oh! Senhor meta-lhe o dedo!

Finalmente, um menino que se equilibrava num barranco e ainda praticava a arte de fazer rolar pelo chão um aro enferrujado, se prontificou a levar Omar à casa de Oliveira. Estavam perto. Mais dois becos, só. O menino voltou ao seu barranco. Omar olhou pra dentro da casa pela porta cortada em duas, na horizontal. Não precisou bater palmas. Viu no chão de barro batido da sala da casa, ajoelhado, Oliveira chorando. Ao lado, estirada numa folha de porta, a morta.

2

- E agora? - Omar não conseguia se refazer do choque.

Ali estava Oliveira, alto, magro, negro, beirando uns quarenta anos, só, chorando a morta. Nem velas nem flores nem uma cruz. A morta mais pobre que Omar já vira em toda sua vida. Só não estava em cima do chão de barro batido da sala porque Oliveira arrancara uma das portas da casa e repousara sobre ela a morta. As mãos cruzadas no peito cavo. O vestido preto, surrado. Os cabelos brancos arrumados em pitó. A velha tinha os olhos fechados e um semblante sereno. A palidez cadavérica ainda não chegara. Omar entendeu que quase testemunhara a morte na casa de Oliveira.

Foi aí que se lembrou do motivo que o levava ali. E agora? - repetiu, mentalmente. Diante da morta perdera qualquer iniciativa a não ser o gesto de abraçar Oliveira e oferecer os pêsames.

- Obrigado, seu Omar. Era minha mãe - disse o dono da casa olhando a morta.

Entre os dois homens e a morta se fez um silêncio que parecia não ter fim. Secara o pranto de Oliveira e com ele as palavras. Omar continuou calado, também. Dos barrancos vinham os gritos dos meninos brincando. Dentro da casa, os zumbidos das moscas. Vida, somente nos ruídos naqueles projetos de ruas, na confusão dos casebres. Foi quando um galo cantou fora de hora. Aí, Oliveira falou como se acordasse de um pesadelo:

- Seu Omar, se mal lhe pergunte, o que o traz aqui?

- Agora, fica difícil responder, diante da morta - falou Omar.

- Pode dizer. Só morre quem está vivo - Oliveira já se mostrava conformado com a tragédia.

Desajeitado, Omar começou a conversa sem saber como iniciar nem terminar. No fim deu o recado, arrancando as palavras como se quisesse terminar logo sua missão:

- O Babelô de Chico Xole, que ia se apresentar naquela noite no palanque da Praça Gentil Ferreira, no Alecrim, mandara dizer, em cima da hora, que não podia mais ir. Tinha havido um problema qualquer. Dona Mailde estava com as mãos na cabeça pois a programação do Ciclo Junino ia ser interrompida. O Prefeito Djalma Maranhão mandava pedir a ele que desse um jeito de levar, naquela noite, os Congos de Saiotes.

Novo silêncio. Desta vez quebrado por Omar:

- Mas eu estou vendo que não vai ser possível. Você vai enterrar a morta.

Oliveira demorou a responder e quando falou é como se estivesse por trás de uma cortina de tristeza:

- Eu não posso faltar a Djalma Maranhão. Seu Omar, pode mandar o caminhão da Prefeitura pelas sete da noite.

3

Quando o caminhão atravessou a ponte de Igapó, o céu estrelado, Oliveira olhou o rio. Aqui em cima os ferros corriam para trás e lá em baixo as águas levadas para leste. Antes de terminar a viagem sobre a ponte, num momento, pareceu a Oliveira ver a mãe navegando no Potengi. Agora não mais a pobreza fechada da sala de barro batido e sim a amplidão das águas onde as estrelas refletiam em brilho e acendiam velas votivas. Dos cabelos, agora soltos, nasciam flores brancas. A morta navegava pelo rio em direção do mar.

4

Das Quintas ao Alecrim o caminhão engoliu rapidamente as ruas em ladeiras. A Praça Gentil Ferreira estava toda iluminada. Cordões de lâmpadas convergiam para um palanque onde o Prefeito Djalma Maranhão esperava os Congos de Saiotes. A praça tomada de gente explodiu em aplausos quando o conjunto folclórico, liderado por Oliveira,

pisou o palco.

Daí em diante, Oliveira virou Henrique, o Rei Cariongo. Dançou os primeiros passos com a Rainha Ginga. E aconteceu o milagre. Angola chegou e ocupou a praça. A dança guerreira ia à meio quando o Embaixador, desatendido pelo Rei Cariongo entrou em peleja, matou o Príncipe Sueno e prendeu Henrique, o Rei Cariongo. O povo temia quando as espadas e lanças eram terçadas, estalando e retinindo no meio do palco. Os instrumentos subiam de tom. Os corpos se torciam na esgrima. A Rainha Ginga dançava mas não cantava nenhuma melodia. Nem sempre os Congos de Saiote traziam a Rainha Ginga. Bastava cantar em sua homenagem. Mas, naquela noite, Oliveira sentira a vontade de estar junto de mulher. Por isso fora buscar Marinalva. Em um minuto a morena arranjara uns panos e vestia, agora, uma fantasia de acordo com o conjunto dos Congos. Marinalva dançava que era um dengo só. Oliveira sentiu um consolo para sua tristeza. Os homens cantavam e contavam a história. Depois da peleja chegou a paz. Foi selada uma nova amizade. Os homens suados, alguns saiotes rasgados, cantavam a canção da despedida. A África deixava a praça. O conjunto folclórico, terminado o auto, descia do palanque. A garrafa de cachaça passava de mão em mão, os homens molhando as gargantas secas. Oliveira, pela primeira vez, recusou a bicada. Omar se aproximou do líder dos Congos de Saiotes e perguntou:

- E a morta?

- Faço o enterro amanhã.



Ponte de Igapó - 1920



## Natal do Rio Grande de 1614 num mapa raro de Albernaz

**J**oão Teixeira ALBERNAZ, o velho, "cosmógrafo do Rei de Portugal com carta patente para exercer o ofício de mestre construtor de cartas de marear e de instrumentos astronômicos", viveu no período de 1602 a 1666. É de sua autoria um mapa intitulado RIO GRANDE, publicado em 1631, o qual se encontra na mapoteca do Itamaraty, no Rio de Janeiro.

Certamente o mapa foi baseado em um rascunho, de autoria de desenhista anônimo, elaborado por volta do ano de 1614.

No mapa de Albernaz acham-se representados diversos aspectos natalenses, compreendendo a área que vai da barra do Rio Grande ao atual Rio do Baldo.

Inicialmente é focalizada aquela barra, indicando-se que a mesma possuía uma largura de oitenta braças (176m), apresentando uma profundidade, nas "marés vivas", de 35 pés (11,55m). Em seguida são apresentados os "recifes que se não descobrem em nenhuma baixa-mar", situados ao norte da barra do rio.

Ao sul da barra aparecem os "recifes descobertos em baixa-mar e preamar". Defronte à barra via-se uma pedra "que se descobre em baixa-mar de águas vivas". Seguindo-se à citada pedra, aparece uma "restinga de areia que se descobre na mesma conjunção", nas proximidades da atual Praia da Redinha. Entre a extremidade ocidental da restinga e a referida praia, via-se o "canal por onde podem sair barcos indo demandar uma barreta, que está mais ao norte".

Logo após a entrada da barra, via-se o

"caminho que os navios fazem para se desviarem dos baixos", o qual se aproximava bastante da margem direita do Potengi. Na rota do dito caminho havia um "surgidouro dos navios", com uma profundidade de 35 pés.

Aparece também o Forte dos Reis Magos, ainda sem sinal de ter sido construída a capela, na sua praça d'armas. Tal ausência indica ser o desenho, que deu origem ao mapa, anterior ao ano de 1622, quando foi concluída aquela capela dedicada aos Santos Reis Magos.

Defronte ao forte é representado um "médão de areia, distante do forte 73 braças e meia" (161,7m), o qual erguia-se a uma altura de 60 pés (19,8m). A referida duna estendia-se por 68 braças (149,6m), apresentando a largura de 48 pés (15,84m). Atualmente ainda encontram-se vestígios da primitiva duna, já distanciados cerca de 277,5m do forte e com uma altura de apenas 6 metros. Tais vestígios corresponderam ao declive posterior do primitivo médão. Como se constata, desapareceram cerca de 116m de duna, conseqüência do desmatamento sofrido pela mesma, através de quase quatro séculos de depredação.

Nas proximidades do médão principal, erguiam-se outeiros de areia, no local hoje ocupado pelo quartel do 17º G.A.C. Ainda no terreno daquele quartel, à margem do Potengi, existiam em número de três, as "casas de um pescador francês". Mais acima no rio, já perto do Canto do Mangue, encontravam-se as quatro casas de Gaspar de Magalhães.

Depois do riacho que provinha da atual

**O Cursinho de Cara Nova**

Rua Apodi- Cidade Alta - Fone: (084)222 - 0992  
Rua José de Alencar 818

**SEBO CATA LIVROS**

Compra Vende Troca Lp's, Livros e Cd's

Rua da Conceição, 617 - Cidade Alta - Rua Vaz Godim, 86 - Cidade Alta

Lagoa do Jacó, cujo despejo ocorre no chamado Canto do Mangue, há referência a "Casas de Mangues". O espaço hoje correspondente à praça Augusto Severo, no bairro da Ribeira, aparece sob a denominação de "Campina Rasa", sendo limitado por dois riachos, paralelos, afluentes do Potengi.

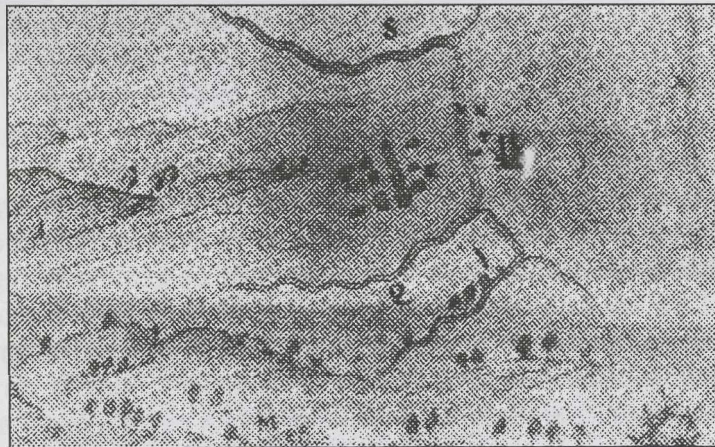
No local adjacente à praça André de Albuquerque, acha-se representada a CIDADE, na qual havia 14 edificações. Já se tem uma idéia da futura Rua Santo Antônio (antigamente o Caminho do Rio de Beber Água), àquela época com 4 casas. A primitiva capela, ocupando o mesmo local da atual Matriz de N. S. da Apresentação, tinha como vizinhas 2 casas, que se lhe seguiam em direção àquele rio de beber. Defronte à matriz, já havia o início de um dos lados da atual praça André de Albuquerque, com apenas 4 edificações, uma delas certamente, a Casa da Câmara e Cadeia. Tal rua receberia o nome de Rua da Cadeia. Por detrás da mesma, na atual Rua Presidente Passos, duas casas. Finalmente, ocupando terreno hoje correspondente à Rua Passo da Pátria, uma casa isolada.

Natal contava, à época em que foi feito o primitivo desenho (que depois daria origem ao mapa de Albernaz), quatorze construções na Cidade Alta e sete na Ribeira. Segundo o auto da Repartição das Terras da Capitania do Rio Grande (21/02/1614), existiam doze casas em Natal, no sítio que fora assinalado para sua

fundação. Excetuando-se os dois prédios correspondentes à capela e à Casa da Câmara, existiam na Cidade Alta doze residências, número que coincide com aquele apresentado no mapa de Albernaz, o que nos leva a crer que o desenho originário teria sido feito em 1614!

Depois da Cidade, o mapa refere-se ao "Ribeiro de água doce, de que bebe a cidade" Trata-se do atual Rio do Baldo, cujas águas serviam à população natalense, até o início deste século. O mesmo provém da atual Lagoa de Manuel Filipe, no Tirol.

O mapa de Albernaz também descreve um "Surgidouro dos navios quando vêm acima", coincidente com o ponto do Potengi que fica nas proximidades da atual Rua Passo da Pátria. A partir do século XVIII, o surgidouro era conhecido como o Porto do Oitizeiro.



Mapa mostra aspectos da Natal antiga.

*Olavo de Medeiros Filho\**

\* Sócio Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do R. G. do Norte.

## Saint Antoine Restaurante

O cardápio é variado e com muita salada ao gosto da deliciosa "COMIDA CASEIRA"

So paga o que come



Rua Santo Antônio, 651 (Entre o convento Santo Antônio) e a antiga Catedral



## Bar do Coelho

PRATOS TRADICIONAIS  
Coelho, galinha, guiné, pato, costela de porco, cabeça de bode, miúdo de galinha, buchada, peixes, carne de sol, caldos e outros.



Música ao vivo



Rua Pe. Pinto, 705 - Centro - Natal-RN

*As Ruas que abrigavam  
as lojas mais bonitas  
do mundo, estavam ali,  
na Ribeira, à nossa disposição;  
era só pegar um bonde.*

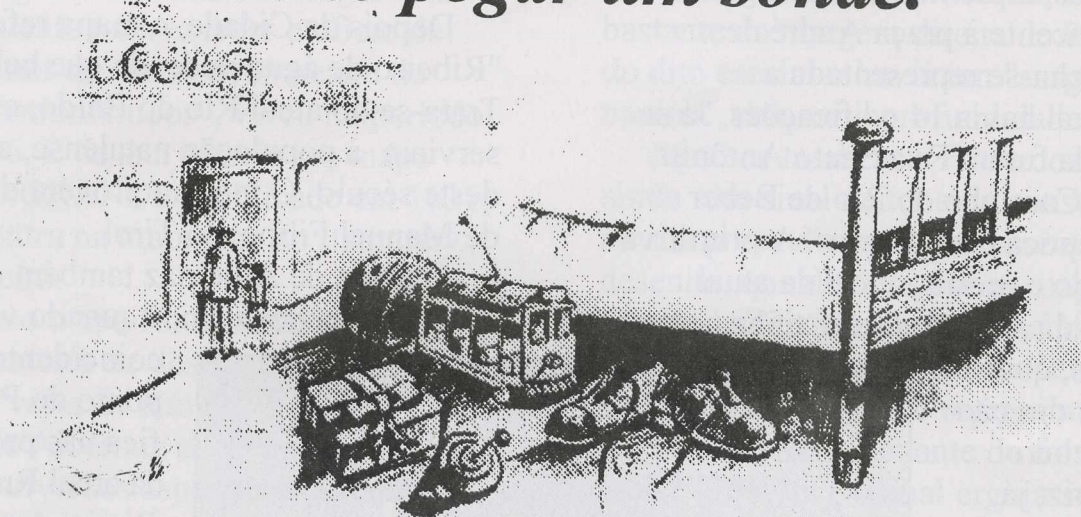


Ilustração: Tarcísio Monte

A "Quatro e Quatrocentos", lojinha que vendia barato, em 1936, na Rua Frei Miguelinho, quase esquina com a Tavares de Lira, era estimada pelos natalenses, porque só vendia mercadorias ao alcance do bolso de cada um de nós, e nada ia além de 4\$ 400, preço máximo de seus produtos. Foi lá que, na noite bonachona de 24 de dezembro de 1936, Papai Noel Lemos me levou até uma de suas vitrines e me disse: "escolha aí o seu presente". Com o fiteiro cheio, meu coração disparou e meus olhos vasculharam tudo. Detectaram um bondinho vermelho, que não era o modelo dos que circulavam na Ribeira, mas era bonde, e bonde era bonde, aqui ou em Londres. E o escolhi. Na noite, Papai Noel me levou de volta para casa. Retornou e adquiriu o bondinho, colocando-o sobre os meus

chinelos. Ficava também a certeza de que seu reino era na Ribeira, recanto sagrado de gente boa, regalos valiosos e suporte real de nossa sociedade. Com sua "Quatro e Quatrocentos", que dali a dois anos se mudaria para a esquina e, em 1950, pegaria fogo, numa noite de carnaval. Ela pertencia à casta de bairros com lojas importantes do ocidente, como a Relojoaria Farache, a Paris em Natal, a Livraria Cosmopolita, o Cova da Onça, as Farmácias Monteiro e Modelo, a livraria de seu Ismael e a Agência Pernambucana, onde Luiz Romão, o mais ribeirense dos natalenses de fora, vendia Gibi, Guri e Mirim. Eu e meu bondinho, naquela felicidade anunciada, éramos felizes, por condescendência sentimental, e sabíamos disso, sim. A Ribeira que o comprovasse.

*Afrânio Pires Lemos*



**Instituto de Planejamento Urbano de Natal - Iplanat**

Rua Frei Miguelino 116 - Fone: (084) 211, 4808 fax: (084) 212-1394 - CEP: 59.012-180 - Natal / RN



**Centro de Apoio aos Pequenos Empreendimentos**

Diariamente às 10h e às 16h  
**REUNIÃO INFORMATIVA**

- Fornecemos:
- Crédito para capital de giro
  - Assistência técnica: Cursos para orientação administrativa e assessoria e acompanhamento gerencial.
- Com o objetivo de:
- Melhorar a quantidade de vida dos pequenos empreendedores, criar ou fortalecer emprego e fortalecer o exercício da cidadania.

Av. Duque de Caxias, 191 - Ribeira - Natal / RN Fones: 212-1732 / 212 -1574

# NOSSA ATLÂNTIDA

**M**acau nasceu do mar revolto e se estendeu pela terra, com o seu povo de salineiros e de pescadores, ouvindo e aprendendo o marulho bravo das ondas. O destino quis que ela tivesse um nome evocativo das longas e aventureiras viagens aos portos do longínquo Oriente. Um nome que se pronuncia imaginando iates, gôndolas, faluas, barcos de velas brancas, gemendo cantigas de gajeiros e arfando nas enseadas de países distantes.

Mas, no burburinho de tantas sugestões românticas, que esse nome desperta, ninguém conseguiu fazer ressurgir do abismo em que se afogou, a ilha de Manoel Gonçalves, a nossa perdida Atlântida, que ainda não encontrou o seu Platão...

A ilha de Manoel Gonçalves, tal como nos aparece na imaginação sempre disposta a iludir-se e a sonhar, não foi nenhuma dessas cidades contra as quais a ira oceânica se desmandou implacavelmente. Era uma feliz aldeia de pescadores sem vícios nem crimes que chamasse a si o castigo dos elementos. O mar, em luta com a terra, enrolava parcéis e recifes, arrastando-os no dorso das vagas. A humilde ilhota de pescadores, no meio do tremendo campo de batalha, assistia inquieta às escaramuças que arrancavam pedaços do seu solo. E enfim, um dia, apenas ficou por sobre a imensidão oceânica o pugilo derradeiro de terra, pedestal de uma cruz que abria os braços clamando e perdoando. Os habitantes fugidos da ilha condenada e moradores

da margem direita do rio foram, em procissão de ladainhas e preces buscar o cruzeiro que o oceano havia respeitado. E em Macau os seus primitivos povoadores continuaram a amar e a venerar os velhos santos, as queridas imagens e a cruz que abençoara a agonia da ilha perdida.

Foi assim que morreu, há muitas dezenas de anos, a ilha de Manoel Gonçalves, afogada no delta indomável do Rio Piranhas. Mas, do amarfanhado lençol marinho que a sepulta, ela por vezes aparece, como uma Vitória Régia, numa ressurreição. As suas ruínas, as pedras das suas casas, os tijolos das suas calçadas onde tantos meninos brincaram e correram, cantando e sorrindo para o mar, ainda afloram para os olhos supersticiosos dos pescadores, pelas noites de lua.

A ilha de Manoel Gonçalves morreu para que a cidade de Macau nascesse. Nenhuma semente de terra dessas milhares que Deus semeou pelo mar teve um destino tão lindo. Macau surgiu, e desceu para o oceano

revolto, transformou a água invasora em pirâmides de sal que cintilam como um diadema de imperatriz. E já agora não é mais possível trocar por nenhum ouro do mundo toda a pobre existência ignorada da ilha que morreu do mal de ser feita.

*Edgar Barbosa*

TRANSCRITO DA REVISTA POTIGUAR, RIO DE JANEIRO, ANO II, NÚMERO V, JUNHO DE 1937.



Salineiros e o Molino de Macau - óleo de Getúlio Moura

## CASA DO PEIXE LTDA



Camarão, Peixe, Lagosta,  
Carne de Caranguejo,  
Marisco, Ostra e Etc.

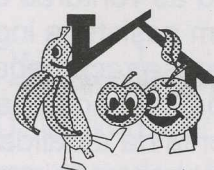


Ney Aranha Marinho Júnior  
Sócio Gerente



Rua São João, 4 (Canto do Mangue) - Rocas - Natal/RN  
Tel.: (084) 221-4917 / 981-2085

## A Ki - Tanda



FRUTAS, VERDURAS, CARNES,  
MEL DE ABELHA E ENGENHO,  
OVOS CAIPIRA, GALETO, PRODUTOS DO SERTÃO,  
FRIOS, BISCOITOS E DOCES CASEIRO

Av. Antonio Basílio, 2703 - Lagoa Nova -  
Tel.: 206 - 5612 - Natal - Rio Grande do Norte

# O Natal Antigo



**S**audoso Natal dos tempos antigos! Com que suave tristeza relembramos o encanto dos teus folguedos, a afetividade das tuas expansões e, sobretudo, a piedosa sinceridade das tuas festas! Vai longe a época dos teus deslumbramentos, em que mais intenso reinava o perfume das tuas lendas, e o incenso místico se evolava dos presépios, entre os cânticos evocativos das pastorinhas de Belém. Vai longe o cortejo das tuas sagradas



Lapinha

reminiscências, a delícia das pândegas dos boêmios que te amavam, as diversões campestres, à sombra de frondosos cajueiros que desafiavam o paladar dos convivas com os seus frutos rubros e amarelos... O Natal de hoje é apenas um vestígio apagado de extintas eras, dessas eras felizes que ainda revivem na saudade da velhice e em que vibrou, rejubilada e luminosa, a alma afetiva e simples dos nossos antepassados.

As correntes da civilização, empolgantes e dominadoras, vão transformando tudo. Os próprios folgares do povo, as doces convivências familiares, apresentam um aspecto que nada tem de comum com o espírito das nossas tradições.

Quando ouço as narrativas do passado e vejo os traços remotos do que fomos na antiguidade, sinto um tédio de morte pelo presente e maldigo essa efervescência inconoclasta que vai destruindo as melhores heranças dos tempos idos...

Quem desfrutou as venturas de um Natal de outras épocas, quem assistiu a ingênua expansividade de nossa raça naqueles tempos afastados e queridos, não pode ver sem lágrimas nos olhos a monotonia da atualidade, a tristeza que domina essas almas anônimas que outrora cobriam de flores o berço do Deus-menino e depois, transbordantes de fé religiosa, corriam para o adro da velha igreja quando o sino anunciava, pela meia-noite, o início da missa tradicional... Hoje, mal vibra o coração popular no

dia legendário e mal se escutam os estrépidos festivos em que se expande a terra!

Dir-se-ia que uma enervante indiferença se apoderou de todos os espíritos, e que se vão apagando na consciência religiosa as últimas cintilações da Esperança e os derradeiros estímulos da piedade cristã. Da crença íntegra e infrangível dos nossos ancestrais, do seu amor devotado e sincero pelo culto do passado - resta apenas um morimbundo reflexo, uma pálida imagem fugitiva já prestes a extinguir-se, com a invasão do modernismo triunfante... Na roça, pelos lugarejos humildes, quando os anos são de fartas colheitas, ainda se pode ver o que foram outrora os divertimentos populares, nesta quadra festiva do Natal.

Mais felizes e mais humanos que nós, outros, os campônios não deslembram nunca as suas tradições queridas; e mais felizes são porque o convívio social não os deessa de sentimento e de bondade, e vivem distanciados dessa coisa



Fandango

funesta a que Nordau denominou - a chaga sangrenta do mundo civilizado.

Entre nós, as festas do povo já perderam quase todo o cunho tradicional. Que é das fulgurantes lapinhas, dos "congos" bem feitos e bem organizados, das saudosas cantigas da *Nau Catarineta*? As primeiras degeneraram em comércio de flores, em centros de exaltação partidária e em pretextos para desordens e torneios poéticos...

Para os que não desamam o passado, as lapinhas *modernas* são até indignas de apreciação. Se estamos ouvindo, com a alma transportada de emoções puras, uma velha e sonora toada como esta:

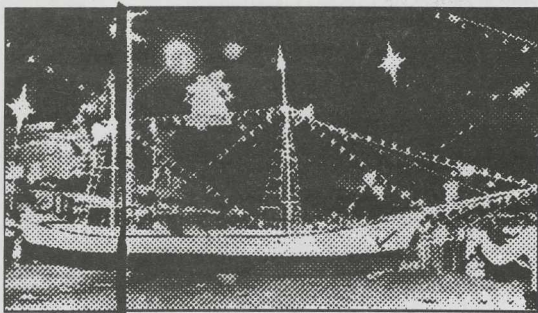
"Se no doce firmamento  
Brilha o sol do novo dia,  
Libertar-nos vem da culpa  
Jesus, filho de Maria..."

Eis que surge o berreiro infrene da capadoçagem, a aplaudir a *clarividência* do zagal, ou qualquer coisa de belo que descobre no maracá da contra-mestra...

A gritaria torna-se por vezes ensurdecadora - e as famílias vão procurando o caminho de casa...

Os "pretinhos do congo" cada vez mais intoleráveis se mostram e raras vezes concluem as exhibições sem a intervenção do sabre policial. Nada das antigas lendas de que se formaram - resta mais nesses brinquedos favoritos da plebe. Neles já não palpita a nostalgia da pobre raça que se dispersou por terras longínquas, suportando os ultrajes seculares do mais bárbaro nativo.

E a maruja dos fandangos! Ninguém desconhece que muitas inovações importunas têm sido introduzidas nesse folguedo popular, e, no entanto quando temos ensejo de assisti-lo, sentimo-nos remontados a essas eras extintas em que os mareantes do velho Reino andaram a escrever sobre o abismo a epopéia de uma inaudita coragem, sulcando a esmeralda rebelde e devassando o recesso dos seus arcanos primitivos. Que lenda mais bela que a dessa nau perdida sobre o oceano, por longas noites e dilatados dias, como o navio misterioso do cabo Horn - o célebre navio fantasma - desavorado e aflito na solidão das águas e sem que dele se



Nau Catarineta (Alegoria do Fandango)

possam aproximar os navegadores que passam... Hoje, os fandangos são raros em nossa terra e, quando os há, são dessaboridos e tolos.

O sugestivo encanto que os revestia no passado já desapareceu de todo, como também se vai ofuscando o esplendor

tradicional dos presépios, que não representam atualmente esse culto amável de formosas serranas ao que nascera entre palhinhas modestas, à sombra de uma manjedoura e apontado por uma estrela à adoração dos pastores e dos magos. E se assim é com relação às coisas que tanto falam aos nossos corações de sentimentais, à nossa afetividade nativa e,



Fotos: Ubaldo Bezerra

Boi Calemba (Dança dos Galantes)

sobretudo, ao nosso espírito religioso, - o que dizer dessas diversões anódinas, espúrias, sensaboronas, como o *fede a breu*, designação dada entre nós aos grupos que se formam quase sempre de improviso e, ao som de violões e flautas, invadem por esta época a habitação da pobre criatura, no intuito exclusivo de comer e de beber... ?

Do boi calemba, cuja origem não se conhece, torna-se excusado falar. É ele um dos acabados modelos da imbecilidade humana e... talvez por isso seja o melhor de todos.

Mais deixemos os marmanjos com os seus saíotes e as suas tolices, e levantemos o nosso hino afetoso em honra da grandeza desse acontecimento, que vem atravessando séculos e séculos, sempre vivo e sempre novo na memória das gerações.

Almas cristãs que somos, exultemos ante a alvorada da Redenção, pois como dizem as pastorinhas:

"Lá do seio da grandeza.  
Onde todo mundo ria,  
Libertar-nos vem da culpa  
Jesus, filho de Maria"

Gothardo Netto

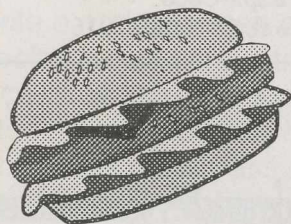
Transcrito da Revista Rapa-Coco.  
Tipografia Comercial- J. Pinto & C.-Natal, 1916

Um show de atrações para o natalense. O mais novo point para você dançar ao som de excelente banda, grupo de forró com variadíssimo repertório e show de danças.

Rua Apodi 10 - Tirol - Tel. 211-1444



*Vista das praias do Meio e do Forte na década de 30*



No seu caminho sempre tem  
**O SANDWICH**

**DISK  
SANDWICH**

**236 - 2667  
202 - 2322**

Segunda abre de 16:00hs até 1:00h  
Terças e Quintas das 12:00hs até 1:00h  
Sextas e Sábados das 12:00hs até 5:00hs da manhã  
Domingos e Feriados: das 12:00hs até 3:00hs.

Shopping Center Cidade Jardim - Loja 14  
Av. Afonso Pena, 433 - Petrópolis  
Estrada de Ponta Negra, 9090  
Via Direta Outlet Shopping - Loja J4